

*Estar grato por ter um país assemelha-se a estar grato por ter um braço. Como escreveria se perdesse o braço? Escrever com o lápis preso nos dentes é um modo de fazermos cerimónia connosco. Testemunhas afiançam-me que sou a mais portuguesa dos portugueses da minha família. É como se me recebessem sempre com um «Ah! A França! Anatole, Anatole!» como receberam Lévi-Strauss num povoado do interior do Brasil. A única família com quem conseguimos falar é, porém, aquela que não nos responde. Acreditamos que essa família nos interpreta o mundo, quando passamos a vida a traduzir o novo mundo para a sua língua. Digo a Lévi-Strauss: «Esta é a minha tia, uma grande admiradora sua.» Lévi-Strauss responde invariavelmente: «Ah! A França! Anatole...», etc. Escrever com o lápis preso nos dentes é escrever para um aldeão diante do seu primeiro francês. A questão de saber a quem responde o que escrevemos pode consolar-nos dos nossos interesses miniaturais, levando-nos a imaginar que o que dizemos é apesar de tudo importante. Fazer cerimónia com o que se tem para dizer é, contudo, uma forma de cegueira. Escrever tem pouco que ver com imaginação e parece-se com um modo de nos tornarmos dignos de não recebermos resposta. A nossa vida é inundada todo o tempo por essa família taciturna — a memória — como Thatcher temeu que a cultura da Inglaterra fosse inundada pelos imigrantes.*

1

A minha mãe cortou-me o cabelo pela primeira vez aos seis meses. O cabelo, que segundo vários testemunhos e escassas fotografias era liso, renasceu crespo e seco. Não sei se isto resume a minha vida, ainda curta. Mais depressa se diria o contrário. Na curva da nuca crescem ainda hoje inexplicavelmente lisos cabelos de bebé que trato como um traço vestigial. Nasce daquele primeiro corte a biografia do meu cabelo. Como escrevê-la sem uma futilidade intolerável? Ninguém acusaria de ser fútil a biografia de um braço; e não pode, no entanto, ser contada a história dos seus movimentos fugidios, mecânicos, irrecuperáveis, perdidos no esquecimento. A veteranos de guerra e a amputados, que imaginam dores que ainda sentem, salvas de palmas, corridas na areia, talvez isto soe impassível. Não me ficaria bem, imagino, fantasiar a reconquista da minha cabeça pelos sobreviventes lisos da base da nuca. A verdade é que a história do meu cabelo crespo intersecta a história de pelo menos dois países e, panoramicamente, a história indirecta da relação entre vários continentes: uma geopolítica.

A biografia do meu cabelo poderia começar muitas décadas antes em Luanda numa menina Constança, loura furtiva (uma apetecível «menina dactilógrafa»?), paixão silenciosa de juventude do meu avô negro, Castro Pinto, longe ainda de se tornar enfermeiro-chefe do Hospital Maria Pia; ou em como achou

sublimes as tranças postiças com que o surpreendi certa noite, depois de uma sessão de nove horas de cabeleireiro passadas no chão, já sem posição para estar sentada, entre as pernas quentes de duas jovens especialmente brutas, que a meio de me arran-jarem o cabelo interromperam a tarefa para converterem numa sopa de feijão a feijoada e o arroz-doce sobrados do almoço, e de quem eu sentia nas costas o calor (e um vago odor) do meio das pernas. «Que colosso», disse ele. Sim: talvez a história do meu cabelo tenha origem nessa menina Constança, com quem não tenho parentesco, porém, procurada por ele no comprimen-to das minhas tranças e nas raparigas do autocarro que, na velhi-ce, pelos arredores de Lisboa, o levava de madrugada à Cimov onde, curvado, varreu o chão até morrer. Como contar esta his-tória, todavia, com sobriedade e a aconselhável discrição?

Talvez o livro do cabelo esteja já escrito, problema resolvido, mas não o livro do *meu* cabelo, o que me lembraram doloro-samente duas louras falsas a quem em tempos o entreguei de passagem para um *brushing* impossível — e as quais, não me-nos brutas do que as outras, notando em voz alta que «está todo espigado», mo esticaram de cima para baixo, lutando contra os próprios braços, a masculinidade de cujos bíceps, inchados sob as batas, foi o tempo inteiro a minha secreta desforra pela tortu-ra. A casa assombrada que é todo o cabeleireiro para a rapariga que sou é muitas vezes o que me sobra de África e da história da dignidade dos meus antepassados. Sobra-me, porém, em la-mento e escovadelas reparadoras, regressada a casa do «salão», como diz a minha mãe, e em não levar demasiado a mal o traba-lho destas cabeleireiras cuja implacabilidade e incompetência nunca consegui decidir-me a confrontar. Tudo aquilo com que posso contar é com um catálogo de salões, com a sua história de transformações étnicas no Portugal que me calhou — das retornadas cinquentonas às manicuras moldavas obrigadas, a contragosto, ao método brasileiro, passando pelos episódios do retraimento da minha exuberância natural numa menina que, nas palavras de todas estas mulheres, «é muito clássica». A his-

tória da entrega da aprendizagem da feminilidade a um espaço público que partilho, talvez, com outras pessoas não é o conto de fadas da mestiçagem, mas é uma história de reparação.

Nenhuma loura de autocarro jamais deu pelo meu avô Castro. Entoando para dentro cânticos bakongo, o Papá foi o homem oculto de que não se suspeita a tradição honorável que transporta em si ao nosso lado no autocarro; o homem de tradição invisível — e que bem soaria isto maiusculado: O Homem de Tradição Invisível, um novo estereótipo. Ninguém olhou nunca para ele, este autodeclarado cavaquista, o *portuguesaõ*, como ficou conhecido na juventude, que proferia «centra a bola, seu macaco» referindo-se a futebolistas negros e dividia as pessoas por espécies de animais da selva, caracterizando-se a si mesmo enquanto «o *tipo* macaco»: aquele que aguarda o fim das conversas para exibir a sua sabedoria.

Descendo de gerações de alienados, o que talvez seja sinal de que o que se passa por dentro das cabeças dos meus antepassados é mais importante do que o que se tem passado por fora. A família a quem devo este cabelo descreveu o caminho entre Portugal e Angola em navios e aviões, ao longo de quatro gerações, com um à-vontade de passageiro frequente que, todavia, não sobreviveu em mim e contrasta com o meu pavor de viagens que, por um apego à vida que nunca me assoma em terra firme, temo sempre serem as últimas. Segundo se diz, desembarquei em Portugal particularmente despenteada aos três anos, agarrada a um pacote de bolacha maria. Trazia vestida uma camisola de lã amarela hoje reconhecível numa fotografia de passaporte em que impera um sorriso rasgado, próprio daquele desentendimento feliz quanto ao significado de se ser fotografado. Ria-me à toa; ou talvez incitada por um motivo cómico por um dos meus adultos, que reencontro bronzeados e barbudos em fotografias de recém-nascida nas quais surjo sobre lençóis, numa cama.

E no entanto o meu cabelo — e não o abismo mental — é o que me liga diariamente a essa história. Acordo desde sempre com uma juba revolta, tantas vezes a antítese do meu caminho, e tão longe dos aconselhados lenços para cobrir o cabelo ao dormir. Dizer que acordo de juba por desmazelo é já dizer que acordo todos os dias com um mínimo de vergonha ou um motivo para me rir de mim mesma ao espelho: um motivo vivido com impaciência e às vezes com raiva. Devo, porventura, ao corte de cabelo dos meus seis meses a lembrança diária do que me liga aos meus. Em tempos disseram-me que sou uma «mulata das pedras», de mau cabelo e segunda categoria. Esta expressão ofusca-me sempre com a reminiscência visual de rochas da praia: rochas lodosas em que se escorrega e é difícil andar descalço.

A alienação ancestral surge na história do cabelo como qualquer coisa a que se exige silêncio, uma condição de que o cabelo poderia ser um subterfúgio enobrecido, uma vitória da estética sobre a vida, fosse o cabelo vida ou estética distintamente. Os meus mortos estão, porém, em crescimento. Falo e vêm como versões do que foram de que não me lembro. Esta não é a história das suas posturas mentais, a que não me atreveria, mas a de um encontro da graça com a arbitrariedade, o encontro do livro com o seu cabelo. Nada haveria a dizer de um cabelo que não fosse um problema. Dizer alguma coisa consiste em trazer à superfície aquilo de que, por ser segunda natureza, não nos apercebemos.

À saída do avião, evocando a amante de estadista que aterra horas depois do voo oficial, a menina Constança começava por desapertar o casaco. O bafo de Luanda sugeria a aguardada ausência das suas tias nos passeios pelo jardim em que, por simples milagre, não consta que tivesse sido apanhada de mão dada com o meu avô. Do estado do tempo ao estado do Estado, trocava dedos de conversa por uma bolacha dada à boca, molhada em chá. Encontro nela a hombridade do Papá, nas calças

subidas de então, o casaco, o chapéu, uma hombridade que a corcunda de imigrante velho abateria. Constança era, entre nós, um assunto de intervalo das notícias, um reclame de dentífrico, de que a pena de melindrarmos a avó nos desviava, mas também pretexto de chantagem que irritava o avô Castro: ou nos dava dinheiro para pastilhas, ou «então e a loura?» — como se a respeito desta adivinhássemos mais do que a promessa de hálito fresco e eliminação do tártaro. Deixo-a aqui como *Couto*, a meio, abandonada num copo de plástico, entre escovas, baça de calcário, em memória da minha querida avó Maria, em quem instalou uma ciumeira para o resto da vida.

Nunca cheguei a fazer com o Papá o percurso de autocarro para a Cimov, que me aparece sob a forma de mito. Não sei como seria a cidade vista pelos seus olhos. Penso hoje no renque de prédios pelo caminho — pardos, na escuridão — como uma imagem dos seus pensamentos, do seu modo introspectivo no autocarro antes de amanhecer. Os contornos do dia eram bem claros para si. Sempre foi um homem de objectos, um latoeiro ambulante: primeiro, um homem de gaze, seringas, bisturi; mais tarde, de baldes, bálsamo analgésico, lâminas embrulhadas em papel, *Bactrim Forte*, termos, sacos de plástico, canetas, o bolso da camisa deformado por maços de boletins de totoloto e folhas anotadas nas quais calculava o algoritmo de chaves, garantia ele, vencedoras.

Nada existe aqui de romântico. O bálsamo e a tralha enferrujada eram apenas o que restava do passado, desencaixado, tudo fora de prazo, da vida de enfermeiro em Luanda que não precisou de esquecer e de que nunca se demitiu, preservando, aplicada aos seus, a mesmíssima rotina de injeções, prescrições de medicamentos e algumas circuncisões caseiras a sangue-frio a que, por pura sorte, todos os rapazes sobreviveriam. Ao mínimo espirro ou enxaqueca, administrava doses de antibiótico; e assim foi até ao fim dos seus dias e sem dar ouvidos a protestos.